

**Raul Seixas e utopia política:  
ruptura de valores e a construção da “Sociedade Alternativa”**

José Rada Neto \*

**Resumo:** Raul Seixas, ao realizar fusões com diversos ritmos musicais acompanhados de idéias e posturas que se voltam para a libertação do indivíduo das amarras sociais, propôs o deslocamento do campo político-institucional para o político-individual, permitindo ao cantor propor que cada indivíduo adotasse a “Sociedade Alternativa” e não uma alternativa para a sociedade, visto que em sua concepção política a mudança social deveria se operar do plano micro em direção ao macro. Antes de libertar a sociedade, é preciso que cada indivíduo seja livre, senhor de seus próprios valores e possuidor de uma ética nova que oriente sua ação.

**Palavras-chave:** utopia, individualismo, liberdade.

**Raul Seixas and political utopia:  
values rupture and the “Sociedade Alternativa” construction**

**Abstract:** In Raul Seixas’s songs, the influences of several rhythms are put together with ideas and attitudes that suggest that a person should free herself from social moorings. He proposes a change of view in the political field, from institutional to individual, encouraging each person to adopt a whole “Sociedade Alternativa” instead of looking for an alternative to the society. In his political conception, the social change should operate from the micro plan towards macro. Before setting the society free, it is necessary for each person to be free, lord of his own values and possessor of a new ethic that will guide his actions.

**Keywords:** utopia, individualism, freedom

Durante toda a década de 1970, Raul Seixas não se imiscuiu diretamente em questões políticas, não participando em momento algum do debate que envolvia a restauração do regime democrático no país, tema largamente explorado por vários cantores da MPB. Em sua obra composta no referido período, temos exemplos esparsos de críticas dirigidas diretamente à ditadura militar, como se evidencia na música “Dentadura postiça” (SEIXAS, 1973) – cujo título é uma brincadeira com a palavra ditadura. De maneira geral, predomina em toda sua obra uma crítica ao governo em si, pouco importando o tipo de sistema político adotado: “Política para mim é loucura; é igual a seguir religiões. Cada ser é o seu próprio universo! Abomino qualquer tentativa de agregação entre pessoas que são diferentes e julgam pensar igual. Mentira!!!”(SEIXAS & SOUZA, 1992: 57). O governo será sempre visto como um

---

\* Bacharel e licenciado em História pela UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina).

usurpador<sup>1</sup> da liberdade do indivíduo, e “em plena ditadura militar, Raul Seixas preconizava, embasado nos clássicos anarquistas, uma sociedade sem governo, em vez de lutar pela liberdade democrática ou pela igualdade comunista (ABONÍZIO, 1999)”.

Mesmo com fortes influências anarquistas o artista nunca se definiu como tal, e sempre manifestava repúdio a qualquer rotulação de suas posturas. Sua influência mística também permeia sua obra através do uso de uma linguagem simbólica e metafórica, mas em entrevistas<sup>2</sup> negava que fosse místico ou religioso, declarando-se agnóstico. Sempre transitando em campos teóricos distintos sem se ater a nenhum, comparava seu trabalho ao de um divulgador de idéias, alguém que se propunha a filosofar através da canção.

Ao se posicionar como um amálgama entre influências anarquistas e místicas desenvolvidas numa linguagem metafórica e irônica, ao mesmo tempo em que se amparava numa produção estética que interpolava elementos rítmicos de tradições distintas da música brasileira embasada no gênero musical estrangeiro do rock, o cantor se firmava como único no cenário musical da época, fruto de todo esse processo de hibridação. Por ter trilhado tal caminho, lhe recaíram diversas acusações, perdurando uma imagem de homem apolítico e dado a experimentos com ocultismo e drogas; ou então, uma imagem de um ser superior, verdadeiro gênio que pensa muito além da compreensão do seu tempo histórico. Qualquer uma destas visões se torna perniciosa para buscar entender o sentido do trabalho do artista, pois tanto a depreciação quanto a mitificação camuflam frequentemente as intenções e possíveis incongruências de uma idéia.

Portanto, ainda que não tenha se inserido nos debates políticos mais prementes da década de 1970, Raul Seixas foi um homem afinado com os problemas de sua época, e como tal procurou interferir na realidade histórica que vivenciou ao elaborar seu projeto utópico, onde propunha que cada um adotasse a “Sociedade Alternativa, e não uma alternativa para a sociedade” (SEIXAS, 1995: 37). Em sua obra, a ênfase ao lugar de onde pode emergir

---

<sup>1</sup> A visualização de elementos do pensamento anarquista em sua obra musical se torna mais clara na década de 1980, quando o cantor compôs músicas como “Carimbador maluco” (SEIXAS, 1983): “tem que ser selado, registrado/ carimbado, avaliado, rotulado/ se quiser voar/ pra Lua a taxa é alta/ pro Sol identidade/ mas já pra viajar pelo universo é preciso meu carimbo/ dando sim, sim, sim” que segundo Toninho Buda, fazia alusão ao famoso texto *Ser governado é*, de autoria de Proudhon. Raul se utiliza de diversos trechos do texto para compor esta música, e compartilha da visão do anarquista, onde o Estado é visto como algo regulador, que tenta efetivar sua dominação e controle sobre o indivíduo. (PASSOS & BUDA, 2000). Outra canção que demarca bem sua convergência com os pontos de vista dos anarquistas é a recusa da validade de algumas instituições como a polícia, a igreja e o Estado, que pode ser verificado na letra de “Quando acabar o maluco sou eu” (SEIXAS, 1987): “não bulo com governo, com polícia, nem censura/ é tudo gente fina, meu advogado jura/ já pensou o dia em que o papa se tocar/ e sair pelado pela Itália a cantar/ ehê, ahá! Quando acabar o maluco sou eu”.

<sup>2</sup> Raul Seixas. Entrevista “Eu não pertenço a grupo nenhum”. Revista *Amiga*. Rio de Janeiro: Bloch, abril de 1982.

a mudança se desloca do campo político-institucional para o político-individual. Assim, o indivíduo passa a ser o foco da utopia elaborada pelo roqueiro, interessando mapear quais são as influências que atuam mais marcadamente no comportamento, sufocando ou inibindo a fruição da liberdade que seria imanente ao homem.

Depois de milênios esgotaram-se as tentativas de resoluções ideológicas/políticas para o perfeito equilíbrio do homem na sociedade. Não há mais dogmas, leis, verdades, todas são iguais; em todas elas existe um ponto em comum: o controle de uma idéia por um grupo sobre mil cabeças que pensam diferente. Cada um é o que sente ser e isso é imutável no homem. O Novo Aeon é um desses momentos em que a natureza e a ordem dos tempos determinam uma nova e fantástica mutação dos valores antigos. Fim da política careta. Cada qual é seu próprio dono e juiz, livre pra fazer e dizer o que nasceu pra ser. É o NOVO. Um ponto de vista que destrói todos os conceitos e valores mantidos até hoje sem nenhum sucesso visível. Outra concepção de viver, da arte, da ética, religião, política inexistente, deus, amor... Um mundo novo onde só os que hoje já tem o olho-novo podem perceber; os que ainda usam olhos velhos estarão sempre olhando o novo e aplicando seus mesmos valores velhos, pois o velho vê o novo com olhos velhos. Essa é a visão nova da Sociedade Alternativa e seus membros brasileiros e estrangeiros. (SEIXAS & SOUZA, 1992: 119)

Os sistemas políticos são vistos como obsoletos, por incapazes que se mostraram durante vários séculos de efetivarem soluções para os problemas do homem na sociedade. Vivendo constantemente sob leis que não criou ao mesmo tempo em que comunga dogmas inquestionáveis, o homem serviria apenas aos interesses alheios à sua vontade. É preciso extirpar de si as crenças arraigadas que teimam em transparecer como inquestionáveis, desconfiando de qualquer idéia que se queira como verdade absoluta. Nada deve ser posto acima do indivíduo para que este possa ser livre para fazer ou pensar tudo aquilo que deseja, sem que tenha que exercer algum tipo de auto-censura por temer reprovações e julgamentos de terceiros que se fundamentam em verdades cristalizadas.

Ao quebrar os grilhões que atrelam o homem a valores e conceitos tidos como verdadeiros e corretos, eliminando a noção de verdade absoluta, se expandiria o horizonte de possibilidades de ação do indivíduo. Posto como “seu próprio dono e juiz”, o homem é chamado a assumir-se como único responsável pelo desenrolar de sua vida em sociedade, o que equivale a dizer que não pode mais se pôr como vítima indefesa dos desmandos de forças exteriores – sejam elas governantes ou deuses – no caso de encontrar-se insatisfeito com seu presente. Mas para se colocar acima das regras, é preciso ser uma verdadeira “metamorfose ambulante”, evitando o apego a opiniões já formuladas que diminuam ou mesmo eliminem a curiosidade, como se tudo já houvesse sido explicado e concluído. É preciso estar sempre agindo, buscando, se transformando para ser capaz de perceber o novo. É mister procurar,

estar aberto ao que nem sempre é evidente, pois como nos lembra Heráclito: “se não esperas o inesperado, jamais o encontrarás”.

Justamente para simbolizar o que designa por NOVO<sup>3</sup>, que Raul faz uso da metáfora do disco voador. Somente é capaz de avistar estes objetos voadores aquele que procura por eles, que crê na sua existência. Mais ainda, é aquele que tenta romper com idéias consolidadas, tanto no aspecto religioso quanto no científico. No primeiro caso, a hipótese de existir vida ‘inteligente’ que não seja humana cria ainda mais lacunas na validade dos dogmas religiosos, e pode mesmo quebrar todo o significado da crença; no segundo, tem-se um questionamento de uma ciência que se arvora capaz de tudo explicar, de acabar com todos os mistérios e superstições que assolam o homem, mas que não consegue teorizar nem como pode voar ou existir semelhante espaçonave, desnudando toda sua limitação de conhecimento.

Por conseguinte, para avistar e admitir a existência de discos voadores com todas as conseqüências que implicam essa possibilidade, é preciso estar apto a metamorfosear alguns valores consolidados socialmente. É através deste processo que se pode adquirir “novos olhos”. Como a personagem da música “S.O.S.” (SEIXAS, 1974), que procura realizar transmutações no intuito de escapar da banalidade vivenciada por homens que trafegam tão ocupados para pensar, e que mesmo em seus momentos de lazer têm rotinas a cumprir – como a obrigação de passear na praia em um dia bonito ou ir à missa de domingo – não dispendo de tempo para notar possíveis aparições de objetos voadores. O pedido de socorro que a personagem envia aos extraterrestres não deixa de ser uma busca pela liberdade, onde o contato com o novo representa a esperança de escapar à repetição diária dos afazeres.

Por representar um questionamento daquilo que se tem por certo e verdadeiro, a idéia de disco voador aludi ainda a um sentimento muito comum na nossa sociedade que tem como meta adquirir uma vida estabilizada: o medo. Aquilo que ignoramos e nos escapa de uma explicação racional, causa temor em algum grau porque nos torna impotentes no agir, por não sabermos como fazê-lo. É o medo que se tem diante do novo, do que é desconhecido e requer uma nova maneira de agir, de pensar, de viver. O disco voador nos remete a tal sentimento, como se temêssemos o próprio fato de nos libertarmos e estarmos obrigados a arcar com toda a responsabilidade que isso implica.

Torna-se necessário aprender a conviver com a incerteza, admitindo a impossibilidade de se encontrar explicações satisfatórias e decisivas para tudo que tange à vida. As verdades seriam individuais, e não imanentes àquilo que nos referimos. Portanto,

---

<sup>3</sup> A grafia foi mantida em maiúsculo para fazer referência ao texto original anteriormente citado.

ficar elaborando perguntas, na expectativa de resolver problemas ou encontrar respostas por meio das idéias de terceiros, é o mesmo que negligenciar a própria capacidade de pensar. Agarrar-se às explicações de cunho racional ou religioso, não garante por nenhum momento que o caminho trilhado pelo indivíduo seja seguro, mas fornece a ilusão de sê-lo. O que está em questão não é negar a legitimidade das teorias em si, mas questionar sua validade enquanto “verdade absoluta”, que conta “com o carimbo positivo da ciência que aprova e classifica\ O que é que a ciência tem?\ Tem lápis de calcular\ Que mais que a ciência têm?\ Borracha pra depois apagar\ Você já foi ao espelho, nego?\ Não? Então, vá!(SEIXAS, 1978)”

As duas últimas frases são sugestivas quanto ao lugar onde se pode encontrar algo próximo à noção de “verdade”: apenas dentro de si. Em vez de ficar procurando respostas alheias, importa é agir, realizar aquilo que se tem vontade e que se deseja verdadeiramente; é a filosofia do egoísmo. Dentre todos os “ismos” teóricos que são oferecidos pela sociedade, o “ego” – no sentido de afirmar a individualidade – se apresentaria como o caminho mais plausível a ser trilhado.

Para trilhar o caminho proposto pela teoria do egoísmo, é necessário desapegar-se de sólidos conceitos como bem/mal e certo/errado, recusando-se a legitimidade de qualquer tentativa de julgar ao outro. Como cada ser possuiria suas razões pessoais e agiria motivado por vontades próprias, não caberia a ninguém mais senão ao sujeito da ação delimitar a sua validade (ou não). Raul sugere uma substituição da faculdade de julgar pelo respeito: “a diversidade de conceitos leva ao respeito, ao reconhecimento e à compreensão<sup>4</sup>”. Respeito ao que é diferente; esse é o único meio de convivência viável para que as pessoas possam ser aquilo que realmente desejam.

Mas este respeito é uma maneira de se relacionar à que se aspira, não está posto em prática dentro da sociedade. É preciso que exista uma busca, e por vezes um enfrentamento das hierarquias que criam barreiras artificiais de diferenciação entre os homens, mensurando seu valor de acordo com o status social. Na canção “Sapato 36” (SEIXAS & ROBERTO, 1976) temos metaforizada uma relação familiar, onde a autoridade do pai tolhe a liberdade do filho ao fazê-lo calçar um “sapato” menor do que necessita. Num primeiro momento, o filho aceita viver sufocado, mas ao “crescer” questiona o poder de opressão da opinião de seu pai: “por que cargas d’água/ você acha que tem o direito/ de afogar tudo aquilo que eu/ sinto em meu peito”. O filho não questiona ou tenta invalidar a visão de mundo que seu pai tem, mas lhe nega o direito de incutir valores dos quais não compartilha e

---

<sup>4</sup> Trecho retirado do *Manifesto Krig-Há, Bandolo!* que não se encontra publicado. Texto de Raul Seixas e Paulo Coelho, com ilustrações de Adalgisa Rios.

que lhe oprimem suas vontades próprias. Não há uma tentativa de mudar o pensamento de seu pai, tanto que o filho se propõe a ir embora sem brigar, fazendo referência ao caminho que optou seguir, escolhendo calçar um sapato que não mais lhe aperte. Esse atrito que impossibilita o desenrolar do relacionamento das personagens é fruto da carência de um lubrificante que atenua o desgaste das diferenças: o respeito. Aceitar as diferenças de cada pessoa sem incorrer em julgamentos de valor, como o filho lembra ao pai: “você só vai ter o respeito que quer/ na realidade/ no dia em que você souber respeitar/ a minha vontade”.

O respeito é recíproco e só pode existir numa relação de igualdade. Mas a igualdade reclamada aqui se dá pela admissão da diferença, e não por uma tentativa de suprimi-la. Se cada ser humano é único e exclusivo, dotado de vontades e pensamentos próprios é necessariamente diferente dos demais; sendo a distinção algo característico do homem, é também sua condição de semelhança. E é justamente a interferência das hierarquias e instituições nas relações pessoais que coíbe a prática do respeito pela diferença, associando-o muito mais a uma escala de valores culturais, econômicos e políticos do que individuais.

A busca pela liberdade passa pelo questionamento das verdades e valores estabelecidos, mas só se efetiva na ação do indivíduo. Essa capacidade de agir é o que tornaria alguém “forte”. Quanto mais forte, mais livre. Aquele que se resigna de suas próprias vontades e se acomoda ao uso de “sapatos” que lhe oprimem, permanecerá “escravo” de uma rotina constantemente sufocante. Essa é a “lei do forte, e alegria do mundo” que o cantor se refere na letra de “Sociedade Alternativa”. É preciso ser forte para conseguir ocupar o espaço que se almeja, para alcançar seus sonhos e não apenas sonhar.

Como caminho que desemboque na felicidade, Raul propõe a adoção de uma única lei em detrimento de todas as demais: “faze o que tu queres”. Aceitar essa regra pressupõe de início o descarte de qualquer outra, especialmente aquelas elaboradas por terceiros a que o cantor se refere como “absolutas”. Por não existir uma vontade comum, nem pessoas que pensem igual, toda regra ou lei imposta não pode ser senão falaciosa e prejudicial ao bem-estar do homem na sociedade. Daí emerge a impossibilidade de procurar travar lutas no campo político-institucional, pois redundariam sempre em alguma forma de opressão ao indivíduo. A transformação social viável para resolver os problemas do homem dentro da sociedade só poderia ser alcançada no momento em que cada ser pensasse e agisse por si mesmo, tendo em vista realizar seus desejos. Em outras palavras, isso só ocorreria se cada um negasse o papel de cidadão<sup>5</sup> para assumir toda a peculiaridade de ser indivíduo. Se cada ser é

---

<sup>5</sup> Se pensarmos que “o ‘cidadão’ é uma pessoa que tende a buscar seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade – enquanto o indivíduo tende a ser morno, cético ou prudente em relação à ‘causa comum’, ao ‘bem

diferente, e a diferença é sua própria condição de igualdade, a transformação da sociedade deve ser obra de todos em igual medida e não apenas de um grupo que se encontra em posição destacada. Visto de tal ângulo, o sentido da afirmação “faze o que tu queres, há de ser tudo da lei” transcende a simples incitação a ser livre ignorando as regras instituídas para se efetivar também como uma possibilidade de interferir ativamente na construção da realidade aspirada.

Ora, é exatamente por não se sentir livre que Raul Seixas pode reivindicar a liberdade. E a imaginação e os desejos estão sendo por ele içados muito acima do espaço disponibilizado pela sociedade para o agir individual. É o encontrar de muros e barreiras na tentativa de optar por outros caminhos que estimula o ato de saltar tais obstáculos. E um dos “muros” que envolvem o indivíduo é o pensamento racional que toma corpo em instituições científicas e burocráticas, promovendo o desencantamento do mundo (WEBER, 2001) e semeando uma idéia de estabilidade e progresso contínuos como meta maior a ser alcançada. Superar os limites da racionalidade através do uso da imaginação é condição *sine qua non* para alargar o campo de ação do indivíduo, e nesse momento histórico “em todas as partes do mundo as pessoas procuram e se unem com um objetivo: imaginação – a ponte para o passo<sup>6</sup>”. Isto seria uma espécie de ponto de partida:

Não existe uma fórmula ou método para aquele que queira ser alternativo. O novo está na cara de todo mundo e é preciso sacar com novos olhos. A tal ponto que, por mais absurdo que pareça, o sujeito possa acender o cigarro com a garrafa de cerveja. Isto é a liquidação total da lógica formal, cujo ponto de partida é a liquidação (a pauladas se necessário) do ego, dos nossos valores mais íntimos (SEIXAS, 1995: 33).

Mas não basta admitir a racionalidade como apenas uma dentre as possibilidades de se pensar o mundo, é preciso também questionar os valores absorvidos e cristalizados. Apenas desta forma a imaginação poderia fluir mais livremente, podendo conceber como possível até o mais inverossímil acontecimento. Para agir, é preciso acreditar na validade (mesmo que apenas como possibilidade) dos resultados dessa ação; e é a capacidade de imaginar que pode proporcionar o reencantamento do mundo e conduzir a ação do indivíduo rumo a caminhos alternativos, evitando o apego a qualquer definição convencional. E o esfacelamento dos valores mais íntimos envolve o abandono das identidades fixas, sólidas. Se desvincular de qualquer possibilidade de classificação para tornar o mais amplo possível o espaço de ação, evitando afirmar que se é isto ou aquilo, mas

---

comum’, à ‘boa sociedade’ ou à ‘sociedade justa’”, então temos o cidadão como o maior inimigo do indivíduo. (BAUMAN, 2001: 45).

<sup>6</sup> Trecho retirado do *Manifesto Krig-Há, Bandolo!* que não se encontra publicado. Texto de Raul Seixas e Paulo Coelho, com ilustrações de Adalgisa Rios.

que simplesmente se é: “E eu sou feliz? Não. Eu sou. No princípio era o VERBO, lembra?” (SEIXAS, 1995: 34).

Talvez seja por este motivo que Raul considerava “Gita” como capaz de despertar a individualidade do homem, cuja letra é uma espécie de convite a ser um pouco de tudo. Não importa o que se é, mas a possibilidade de ser tudo que se queira, desde a “luz das estrelas” até a “mão do carrasco”. Fica em aberto escolher qual opção encarnar, mas o final sugere que o mais importante é cada um crer que é o “início, o fim e o meio” de tudo. Ou seja, tudo depende apenas da sua própria iniciativa, de saber melhor manejar os meios ou recursos disponíveis para atingir qualquer finalidade. Tudo está dentro do indivíduo, daí a importância do verbo ser:

(...) Quando eu digo que sou a luz das estrelas, não estou falando de mim. O pedreiro lá da frente de casa, que está construindo um edifício, canta essa música [“Gita”] como se fosse ele. Isso porque nós somos o verbo ser. Sendo o que você tem a vontade de ser, não existe mais nada. Nós somos, e está acabado. Tudo é. Então, o eu é fortíssimo. Você tem que ter primeiro a consciência do eu para poder respeitar terceiros e então fazer o que você quer, que é tudo da lei, da sua lei<sup>7</sup>.

Adquirir a consciência da importância e da possibilidade de ser aquilo que se deseja através desse “reencantamento do mundo” é o caminho para efetivar a auto-libertação. E Sociedade Alternativa nada mais é do que uma maneira de ver e pensar o mundo, e por extensão, de agir nele. Mas é acima de tudo uma maneira “nova” de construir a realidade, que não se pauta em conceitos sólidos ou vigentes socialmente, pois é apenas desta maneira que se pode conceber sem estranheza que “Se eu quero e você quer\ Tomar banho de chapéu\ Ou esperar Papai Noel\ Ou discutir Carlos Gardel\ Então vá: Faze o que tu queres\ Pois é tudo da lei, da lei” (SEIXAS & COELHO, 1974).

Ao proclamar que o único caminho para conquistar a felicidade é agindo tendo em vista apenas a satisfação própria, o cantor sugere ter plena ciência da dimensão política que implica o ato de desejar o impossível:

Mas agora vou lutar com minhas próprias armas e uma delas é a Sociedade Alternativa, da qual nunca abri mão. Sou palhaço, ótimo. É bom que me vejam assim, pois terei condições de articular minhas coisas. Me confesso seriamente engajado numa cruzada pela implantação da Sociedade Alternativa, uma revolução cultural em andamento. Tenho um compromisso, não posso voltar atrás. Recebo cartas e mais cartas toda semana, gente querendo aderir ao projeto. Mas quero avisar que a Sociedade Alternativa não é um clube ou um partido, é uma idéia. A carteirinha do clube é você mesmo. É a sua cabeça (SEIXAS, 1995: 30).

---

<sup>7</sup> Raul Seixas. Entrevista “Eu sou o meu país”. Revista *POP*, março de 1975.

Mas esta “cruzada”, ainda que possa ser vista como revolucionária, não se propõe a mudar a estrutura da sociedade, mas o fragmento dela: o indivíduo. Não deseja a revolução em moldes políticos, mas a transformação individual que se reflete na sociedade. Portanto, se o campo das artes (e da música especialmente) se constituiu como um “laboratório de idéias” (NAPOLITANO, 2004: 73) para pensar e transformar a sociedade brasileira através de diferentes projetos ideológicos, é essencial lembrar que existiu um diálogo ou debate entre os projetos permeados por valores circunscritos historicamente, além das diferenças de visão de mundo entre classes sociais. A valorização e aceitação de um ou outro projeto não se baseia na verdade inerente à proposta, mas na possibilidade histórica de se pôr em prática o que se reivindica e de realizar os desejos suscitados. Assim, o projeto dos artistas considerados cafonas se difere de outros projetos de artistas da MPB, principalmente, por vivenciarem experiências sócio-culturais distintas. O que os tornam relevantes historicamente é o impacto que tiveram na sociedade num dado momento histórico, e não apenas o grau de sofisticação de elaboração da obra.

### **Bibliografia:**

ABONÍZIO, Juliana. *O Protesto dos Inconscientes: Raul Seixas e Micropolítica*. São Paulo: UNESP/Assis, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto, 2004.

SEIXAS, Kika. *Raul Rock Seixas*. São Paulo: Globo, 1995.

\_\_\_\_\_ & SOUZA, Tarik de. *O Baú do Raul*. Editora Globo; São Paulo: 1992.

PASSOS, Silvio e BUDA, Toninho. *Raul Seixas: uma antologia*. São Paulo: Martin Claret, 2000.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

### Músicas utilizadas:

SEIXAS, Raul. “Ouro de Tolo”. In: *Krig-Há, Bandolo!* Philips, 1973.

\_\_\_\_\_ & COELHO, Paulo. “Sociedade Alternativa”. In: *Gita*. Philips, 1974.

\_\_\_\_\_. “S.O.S.”. In: *Gita*. Philips, 1974.

\_\_\_\_\_ & ROBERTO, Cláudio. “Sapato 36”. In: *O dia em que a Terra parou*. WEA, 1977.

\_\_\_\_\_. “Todo Mundo Explica”. In: *Mata Virgem*. WEA, 1978.

\_\_\_\_\_. “Carimbador maluco” In: *Raul Seixas*. Eldorado, 1983.

\_\_\_\_\_. “Quando acabar o maluco sou eu”. In: *Uah bap luh, bu-lah béin bum*. Copacabana, 1988.